



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ISSN: 1806-9584

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de  
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de  
Santa Catarina

Oliveira, João Manuel de  
Performatividade Pajubá  
Revista Estudos Feministas, vol. 27, núm. 2, e59952, 2019  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação  
e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n259952>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38160347032>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UAEM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## Performatividade Pajubá

*Performativity of Pajubá*

João Manuel de Oliveira<sup>1</sup>  0000-0002-2793-2946

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 88040-900 – ppgp@contato.ufsc.br



LIMA, Carlos Henrique Lucas.

*Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade.*

Salvador: Devires, 2017.

---

Este livro, editado pela Devires, que no panorama editorial brasileiro tem sido vital para sustentar e fomentar uma cultura de literatura e ensaio queer, é um marco no pensamento sobre subversão da heteronormatividade que poderíamos chamar de kuir/queer. Carlos Henrique Lucas Lima, autor da obra, recorre ao termo queer, sem o manter acriticamente. Toda a obra é precisamente uma celebração, de formas de resistir culturalmente, de torcer a norma e ressignificá-la, de produzir uma teoria e prática torcidas.

Carlos Henrique Lucas Lima é professor na Universidade Federal do Oeste da Bahia e escreveu este livro como resultado do seu doutoramento em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia e fez esse trabalho no CuS, Cultura e Sexualidades, recentemente constituído como núcleo de pesquisa. Com formação inicial em Letras e História da Literatura, o seu olhar simultaneamente interdisciplinar e indisciplinar ajuda a entender algumas das propostas intrincadas deste texto híbrido que a editora Devires publicou.

O autor mistura um conjunto de gêneros, crônica, ensaio, poema, para ensaiar uma escrita pajubeyra. O pajubá, língua ou gíria falada por dissidentes sexuais e de gênero no Brasil, que mistura léxico yorubá, nagô e outros, não é estudado aqui numa acepção sociolinguística. Antes, o pajubá é entendido e usado como modo de subjetivação. Assim, não há um sujeito que fala o pajubá e se antecipa a ele, é o pajubá que cria um sujeito pajubeyro performativamente. Dessa maneira, o autor vai proceder a uma arqueologia dos modos como o pajubá não só constitui outros sujeitos, mas a si mesmo como parte de uma escrita pajubesca. Carlos Henrique Lucas, conhecedor profundo de teoria feminista e teoria queer, propõe mesmo um exercício de antropofagia acompanhando esse pajubá, usando estas teorias como pretexto para alimentar o pajubá que as mistura e as dá de novo, num rizoma de permutações e combinações. No poema “Serventia Pajubeyra”

Para apagar as palavras  
Desbotar os sentidos  
Rasurar a semântica  
E sambar nenada na cara da sociedade  
Para isso é que serve o pajubá (Carlos Henrique LIMA, 2017, p. 156).

o autor dá-nos a sua proposta de trabalho. Adianto mais algumas possibilidades de leitura.

Na sua proposta de rasurar a semântica, o pajubá permite a constituição de solidariedades e alianças, sem apagar as especificidades. Trata-se de um pajubá que tanto constitui beeshas

fechativas como travestis. Então essa pode ser a marca de uma aliança, que, trabalhando com essas diferenças, possa fazer surgir focos de resistência à cisheteronormatividade na sua política de apagamento e destruição material e epistemicida. Este livro se constrói simultaneamente como uma forma de impedir o epistemicídio, de destruição das pessoas e dos saberes kuir e trans\*, mas igualmente produz pajubá. Não descreve apenas, produz parcialmente o que descreve. Essa resignificação segue de perto uma lógica de proliferação e multiplicidade, alentando mais beeshas e travestis a produzir(em-se) pajubá como forma de resistir. O domínio da linguagem e da nomeação é o das relações de (saber) poder. O pajubá cria formas de nomeação que vão não só produzir subjetividades de resistência à heteronorma, mas simultaneamente criar formas de nomear outras, que quebram a eficácia da norma. Apresentado o argumento central do livro, a sua concepção vai obedecer a uma lógica de escrita de hibridização e de antropofagia. Poderíamos afirmar que o livro é uma obra em pajubá, no sentido da recusa de uma normalização, de uma forma única de escrita. Antes a obra recorre muitas vezes a termos do pajubá para pensar com eles. Não irei usar esses exemplos porque considero mais relevante lê-los no contexto da obra, não como curiosidades. É precisamente essa a opção epistemológica e metodológica de Carlos Henrique Lucas Lima: não tratar o pajubá como objeto a ser estudado, antes entendê-lo como parte central de um processo de constituição de sujeito.

Longe das perspectivas de um LGBT universal e identitário, neste processo travestis e bichas constituem-se através desta linguagem. Igualmente mostrando o seu carácter indisciplinar, a obra de Carlos Lucas Lima está muito mais interessada em provocar tensões e debates do que em contribuir para uma determinada disciplina. Este trabalho tensiona a própria ideia de etnografia e de disciplina, porque se configura como produtor e produto do pajubá. O texto pretende antes desestabilizar os equilíbrios de forças disciplinares para pensar contra elas e com elas, no mesmo sentido que Gayatri Spivak (1999) recorre quando fala em ler com e contra (*reading against the grain*) no espírito da desconstrução de Derrida. Então, a proposta desta obra é extremamente inovadora, como bem aponta Leandro Colling no prefácio, por precisamente não se ater aos modos convencionais de produção textual como forma final, o que reforça o carácter indisciplinar da obra em questão. E não faz a separação clássica sujeito objeto, antes opta por uma ótica de performatividade pajubá, em que o próprio que escreve se produz e é produzido pelo chamado objeto de estudo.

Assim estamos perante uma visão pós-estruturalista em que a ação produz o agente. Manifestamente nesta obra, não se encontrará um olhar sobre pajubá, antes se produz um pajubá e, simultaneamente nessa ação, se produz quem escreve. Então este ensaio não descreve, ele é muito mais performativo. Através de criação de figurações como a Gya Pajubeyra, auto(des)identificação, por aludir a uma forma de identificação que quebra o código do binarismo e da heteronormatividade da produção académica e científica, temos um modo de contar profundamente alterado. Um(a) escritas antropofágicas (sic) que pretendem nomeação, devoração e devolução da heteronorma, um registo e modo pajubérico de experiência queer que ridiculariza as normalidades. Este modo de escrever produz um modo de subjetivar que é profundamente marcado pelas potencialidades queer subalternas, que permite ao autor uma viagem simultânea pela teoria pós e decolonial, produzindo um queer que não é apenas o eco do euro e anglocentrismo, mas marcado por uma performance escritural brasileira, latino-americana que entoa e redige o texto a partir de uma múltipla resignificação das resistências. Então, esta obra se inscreve como ensaio-literatura pajubeyra que resiste. A pajubeyra é bilingue e tanto fala hétero como pajubá. Afinal, estas culturas falam outras línguas e a tradução é também um ato de traição, como bem sabemos.

Este livro trabalha a partir de algumas potências que o pajubá nos dá a conhecer e que podemos entender como fissuras:

- fissura na língua-nação, a crença da nação como homogeneidade linguística que a existência do pajubá e de outras línguas coloca em causa como pura diferença e proliferação continuada dessas diferenças. Então, trata o pajubá como um discurso crítico e sinalizador dessa multiplicidade de formas de dizer e de ser.

- fissura no dimorfismo colonizador de género, o género enquanto diferença sexual binária e marca do pensamento colonial é afrontado pela multiplicidade de géneros e sua fluidez. Recorrendo ao pajubá como contramodelo de subjetivação, permite a proliferação de discursos paródicos e críticos do binarismo.

- fissura nos modelos convencionais de sociabilidades, o pajubá inaugura outras maneiras de relacionalidade para além do centramento no modelo burguês e eurocêntrico de família, precisamente por se constituir como uma possibilidade de estilo de vida. Assim, o pajubá consiste igualmente num modo de possibilitar determinadas alianças e solidariedades, pensado então como uma forma de construir possibilidades políticas.

A vontade de imaginar o pajubá já não apenas como um conjunto de palavras, indecifráveis para quem está fora do meio, é um exercício de dessubjugação dos conhecimentos. Implica o recurso à imaginação teórica e política para pensar as multiplicidades e as articulações que é raro, inclusive nesta área do saber. Então trata-se de um trabalho não só profundamente original

como marcado pela inovação teórica e crítica, escrito a partir do enredo do que significa “sambor na cara da sociedade” (LIMA, 2017, p. 156), como nos alerta a Gya Pajubeyra que baixa em Carlos para nos tirar da reflexão acadêmica e do ativismo político e permitir linhas de fuga. O texto está cheio destas linhas de fuga, redigido ele mesmo a partir da fissura com as crônicas, publicadas em blog, que nos remetem para a situação de um ensaio de como escrever o texto, passando o próprio ensaio e as suas mil rasuras a constituir o espaço do texto. Agrada também a forma não definitiva e não fechada como a Gya escreve a par do rigor conceptual quando Carlos escreve. Há momentos que se confundem, se afinal ele e ela partilham os mesmos dedos que escrevem, em outros momentos a obra é escrita a partir de várias vozes, que se juntam às de Gya e de Carlos.

É nestes momentos que o livro se mostra mais marcado por uma fluidez de estilos, uma invasão do binarismo pelas múltiplas formas e acaba por permitir a geração de um outro leque de possibilidades. A Gya não fala a uma só voz. Ela, antes, encarna várias possibilidades e identificações, hiperidentidades pajubeyras, identidades que são um devir constante. Assim o pajubá se constitui também como paródico em relação às normas, “tornando as normas absurdas e ridículas” (LIMA, 2017, p. 210). Este exercitar dos poderes paródicos da performatividade pajubá não deixa de considerar as posições sociais que se naturalizam e constroem determinadas formas de ser sujeito, apesar de sabermos que se tratam de identidades fluidas e circunstanciais: “Elas mais não são, concludo, que ficções bem fundadas na cara da verdade. Aquele make bem feito que abrilhanta a noite da mona” (LIMA, 2017, p. 215). Esta aparente tensão entre posições e identificações é mais uma forma de construir essa metafísica de substância que as normas de género parecem revestir-se, mas que na realidade, se tratam da enésima citação da cópia que não tem original, que é o género, como mostra Judith Butler (2017), em *Problemas de Género*.

O texto deste livro lança um olhar sobre homonormatividade evidenciando o modo como as pajubeyras, através das suas práticas e performances, incomodam e constroem as gays durinhas, como designa Lima (2017) gays homonormativos. É como se o pajubá, como performatividade, implicasse já *a priori* uma lógica de performance de género marcada pela fechoação, uma linguagem marcada pelo exagero e afetação. Necessariamente e para assegurar não só uma certa passabilidade e garantir assimilação, as gays durinhas estão forçadas a se adequarem e se conformarem às normas de género e, inclusive, fazerem o seu papel na economia política da heteronormatividade: serem discretas e fora do meio para com o seu silêncio cúmplice provarem que é possível ser assimilado. Ao passo que as fechativas recorrem ao pajubá, projeto que estranha a normalização e a parodia. Assim o pajubá implica não apenas aprender umas palavras de um léxico comum, mas antes propõe todo um outro código de legibilidade e controlo dos corpos. Trata-se de resistência, de uma lógica de subverter os códigos da heteronormatividade e sabotá-los (BUTLER, 2017).

Este livro não só é importante para documentar o que é o pajubá, mas ajuda sobretudo a entendê-lo como um fazer, uma prática. E não se trata de definir o que querem dizer as palavras dessa língua de resistência, é antes o que essa língua, essa performatividade faz. Então muito mais do que fazer funcionar uma gasta metodologia, este livro produz as várias faces do que está a estudar e, inclusive, produz um autor e subjetividades. Este livro traz-nos para uma outra ótica de pensar um *queer* que não precisa de ser absolutamente exterior, de outras latitudes ou legitimados pelas mesmas universidades do sudeste do Brasil, mas antes recorre à produção de um *kuir* ou *kuir* marcado geopoliticamente para pensá-lo nos trânsitos Rio Grande do Sul – Bahia, onde Carlos e sua Gya Pajubeyra transitam, se detendo nas saunas, lugares de pegação, pontos, falando com beeshas gongadas para sambor na cara da Norma. Trata-se de produzir também uma língua *queer*, ou melhor, uma língua pajubá que dê conta de fluxos e contrafluxos, da norma e da paródia da norma e crie sujeitos e predicados outros numa outra gramática política. É nesse aspeto, um livro surpreendente pela sua inovação, pelo seu semblante de resistência aberta e fundamental nos tempos tão perigosos que correm.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Género: feminismo e subversão da identidade*. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Devires, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A Critique of Post-Colonial Reason: Toward a history of the vanishing present*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

**João Manuel de Oliveira** (joao.m.oliveira@gmail.com) é professor Visitante Associado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e professor convidado no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Doutor e Pós-Doutor em Psicologia

Social. Pesquisador em Estudos de Gênero, Teoria Feminista e Estudos Queer. Interesses de investigação: teorias de gênero, teorias queer e teorias trans, performatividade de gênero e pensamento pós-colonial e decolonial.

#### COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

OLIVEIRA, João Manuel Calhau de. "Performatividade Pajubá". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e59952, 2019.

#### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

#### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

#### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

#### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

#### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

#### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY Internacional. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### HISTÓRICO

Recebido em: 27/10/2018

Aprovado em: 12/02/2019

